

# CONFERÊNCIA

## CALVINO (1)

Senhor presidente, minhas senhoras, meus senhores:

Permiti-me, de início, agradecer a meu excelente colega e amigo, Professor Leonard, as palavras que acaba de pronunciar. Há, dentre elas, uma sôbre que eu desejaria insistir: disse êle que desde há muito tempo tenho revelado, entre outras, a preocupação de repor, em seu verdadeiro lugar, na história da civilização, as forças espirituais e religiosas, insistindo sôbre a necessidade de simpatia para com os homens, as doutrinas e as obras por êles realizadas.

É certo e insisto nessa atitude. Escreve-se, muitas vêzes, a história da civilização com ódios, prevenções e preconceitos. Raras vêzes a encaramos com aquela simpatia consciente que, sem nos conduzir a qualquer indulgência excessiva para com desvios e excessos, permite-nos penetrar mais profundamente o segrêdo das almas religiosas. E se é verdade o que, a êsse respeito, o Professor Leonard afirmou de minha obra, eu me orgulho, sinto-me feliz, e agradeço-lhe por havê-lo dito.

Senhoras e senhores: como historiador venho falar-vos de história. Homem do século XX, venho falar-vos de um homem do século XVI, e receio que alguém de vós pergunte: "Para que? O passado é o passado, Calvino é uma velha história, e em que ela nos serviria de alimento?"

Respondendo, eu vos pergunto: Por que, nesse caso, lembrar-vos de vossos pais, daqueles que vos trouxeram ao mundo? Somos nós, os homens, em todos os nossos passos, em todo nosso comportamento, produto de uma longa série de gerações, ou somos, como dizia Saint-Simon "cogumelos nascidos da noite para o dia num leito de esterco?"

Somos filhos de nossas obras? Não; somos filhos das obras de nossos pais. Finalmente, e sobretudo: quando nos sentimos cansados, tristes por nos corrompermos nos pantanais de uma vida

(1). — Conferência pronunciada na Universidade Mackenzie, sob os auspícios do Instituto de Cultura Religiosa, em setembro de 1949. A Revista de História agradece ao Rev. Miguel Rizzo Jr. a gentileza desta publicação. Tradução do Lic. Linneu Camargo Schutzer, revista pelo autor.

que nem sempre é reconfortante e pouco nos exalta, abandonamos a planície e procuramos as montanhas. Pois bem: falar destes grandes homens que fizeram a Reforma, é subir às montanhas, aos elevados planaltos para respirar ar puro, o ar de todos os homens que realmente tudo sacrificaram para serem homens.

Esses homens são Calvino, francês, Lutero, alemão, Zuinglio, suíço, Knox, escocês, e muitos outros.

Todos os que, em Genebra, se levantam ao longo da Muralha da Reforma, da Muralha dos Fundadores, dos Heróis da Reforma lembram-nos, precisamente pela diversidade de suas origens, que a Reforma não é uma pequena obra confinada aos limites das nações, mas um espírito internacional, uma nova maneira de sentir a religião e que nasceu aos poucos, por todo este nosso velho mundo, da mesma inquietação fundamental; e nós devemos lembrar-nos sempre de que a sua grandeza original residia na universalidade desta ação mundial e salutar.

Calvino, como vos dizia há pouco, era francês; francês de pura estirpe, francês tão simpático, verdadeiro, e tão profundamente francês quanto Lutero fôra um verdadeiro alemão, velho alemão da antiga Alemanha, profundamente alemão.

Calvino é francês de origem: foi um picardo, dessa província da Picardia, que se abre ao norte de Paris, entre a atual fronteira da Bélgica e as planícies da Normandia. Foi um picardo pertencente a essa velha raça, célebre na história, por suas qualidades fundamentais de resistência e violência de caráter. Raça de heréticos a tal ponto que picardo, na antiga língua francesa, de fins da Idade Média, é sinônimo de herético, e estes são chamados, indistintamente, no latim especial dêsse tempo, de *picards* ou *picartis*.

Foi um picardo pertencente a essa raça de fronteira, tantas vezes castigada sob os pés dos cavalos dos invasores, e que se assemelhava à erva que, pisada pela passagem de homens e animais, sempre se levanta novamente. É uma raça de fibra dura, resistente, coriácea.

Calvino foi um homem de Noyon, na Picardia, pequena cidade típica do norte da França, com suas pequenas casas de tijolos muito pobres, muito tristes, muito baixas, e, sobre toda a cidadela, uma grande catedral, dessas velhas e grandes catedrais como ainda há tantas em nosso país, ou melhor, como havia tantas, pois mais uma vez a catedral de Noyon sofreu terrivelmente nesta última guerra, tendo sido destruída pela metade, assim como foi totalmente destruída a casa de Calvino em Noyon.

Calvino nasceu à sombra desta velha catedral. Foi um homem do povo francês, esse povo francês que ostenta com nobreza a qualidade de homem do povo. Originava-se — e não é pormenor supérfluo — de uma raça de marinheiros — os Cauvin — que é a retradução, em francês, do verdadeiro nome de Calvino, tor-

nado Calvinus pela tradução latina, e que, a seguir nos deu Calvino.

Raça de marinheiros, de gente sóbria, resistente ao trabalho, gente habituada às longas viagens, aos grandes deslocamentos e, portanto, aos horizontes vastos. Os dois tios de Calvino eram serralheiros, pequenos proprietários de serralheria. Instalaram-se em Paris quando Calvino, por sua conta, para lá se dirigiu a fim de fazer seus estudos, e onde muitas vezes visitou seus tios serralheiros.

Seu pai seguira carreira um pouco diferente, como dizemos, com nossos preconceitos modernos de homens letrados, carreira um pouco mais elevada: era tabelião em Noyon. Esse foi o primeiro passo, o primeiro degrau aberto na escala social, e o segundo foi um belo casamento. O pai de Calvino se casara com a filha de um grande hospedeiro de Cambrai, a senhorita Lefranc, que lhe trouxera uma pequena fortuna.

Começara a trabalhar, entre outros, para os cônegos da velha catedral, o que não durou muito. Como vos dizia há pouco os picardos possuíam um caráter violento, e, dentre eles, especialmente os Cauvin. Gerard Cauvin logo se desentendeu com o Capitulo, não — absolutamente — por motivos de ordem religiosa, mas por circunstâncias de interesse econômico, de relações quotidianas, embora tenha acabado por morrer excomungado... Seu filho, que morreria também excomungado, mas por outras razões, como sabemos, teve grande trabalho em libertar o pai, retrospectivamente, da excomunhão, e fazê-lo sepultar em terra santa.

Como vêdes, eram pessoas de caráter violento, resistentes, que jamais se dobravam quando acreditavam estar com a razão.

Calvino, francês pela sua origem, o era ainda mais pelos seus dons: do gênio francês possui ele alguns dos caracteres essenciais, alguns traços característicos: sobriedade na expressão, medida, uma lógica exigente e soberana, atilado senso crítico e sobretudo a qualidade que, como veremos, era, a esse tempo, primordial entre todas: o dom de "escolher".

O problema, para ele, como para tantos dos grandes espíritos da França, não era o de tudo dizer, mas o de dizer exatamente, com precisão, com clareza, somente o que era preciso dizer.

O gênio alemão procede por amontoamento, por acumulação, com impressionante minúcia. Não nos afastemos do século XVI e vejamos as obras dos grandes artistas da Alemanha dêsse tempo.

Albert Durer, por exemplo, em sua extraordinária tela da lebre, descreve com amor, minuciosamente, todos os pelos de sua pelagem, uns após outros... e com tal candura e ingenuidade na aplicação, que ainda hoje nos impressionam profundamente.

Não, o gênio francês consiste em eliminar, ao contrário, tudo que parece supérfluo, em tornar claro, simplificar, consiste em — voltar à expressão — escolher.

Ora, Deus sabe se um homem que sabia escolher era providencial para a Reforma, nas imediações de 1530, e sabe, por conseguinte, se Calvino foi, realmente, nesse instante, graças a êsse dom fundamental, primordial, o homem que convinha.

É que tôda a Europa, nessa época, parecia, em seu aspecto religioso, um verdadeiro campo de destruição: tôda ela estava coberta, do ponto de vista religioso, de ruínas acumuladas pelos Reformadores, que tinham sabido admiravelmente destruir. O problema, então, apresentava-se a todo o mundo, e adversários tanto quanto fiéis perguntavam: saberiam êles reconstruir tão bem quanto souberam destruir? Esperava-se algo em tôda parte. Certamente, alguns soberanos haviam já escolhido, soberanos individuais, príncipes, reis, sobretudo príncipes, e soberanos coletivos, magistrados coletivos de um certo número de grandes Repúblicas dêsse tempo, que haviam decidido abolir a missa.

Era essa a fórmula nos velhos textos: abolir a missa e aderir à causa da Reforma. Atitude que trazia consigo, algumas vêzes, pesar sincero; parecia árdua a responsabilidade de romper com a velha união cristã e muitos, que haviam tomado a dianteira, acari-ciavam sempre a secreta esperança de que o Concílio, que êles reclamavam com tôdas as suas fôrças, reparasse todo o mal e restaurasse aquela unidade.

Além disso, o imperador Carlos V, que desempenhava o papel de guardião, de conservador do velho catolicismo contra a Reforma, era tão forte, poderoso e feliz em seus empreendimentos, que todos pensavam duas vêzes antes de enfrentá-lo e aderir à Reforma, o que significava desafiá-lo.

O imperador Carlos V, em Pavia, em 1525, havia combatido o exército francês, aprisionado o rei Cavaleiro, Francisco I, e o havia conduzido a uma penosa prisão na Espanha.

O imperador Carlos V, em Roma, em 1527, havia feito tomar de assalto a cidade papal pelos seus soldados, e em dado momento perguntava-se se o Papado poderia sobreviver a êsse desastre sem qualificativos...

Desafiar um homem tão poderoso era bem delicado. As doutrinas também, por seu lado, continuavam indecisas e têtemunhavam a mesma hesitação, sobretudo depois de 1525, quando se realizavam controvérsias entre os teólogos Chefes das Igrejas reformadas, debates realizados em praça pública, debates dramáticos, violentos, penosos muitas vêzes, porque acompanhados de anátemas lançados com furor, injúrias, insultos mortais, acusações infamantes, e os fiéis estavam um pouco confundidos e perturbados com êsses conflitos dos grandes doutores entre si.

Todos, uns após outros atiravam-se à discussão, Lutero à frente, a seguir Bucer de Estrasburgo, Zuínglio de Zurique e outros, todos sob o olhar escarnecedor dos católicos, que se divertiam com essa espécie de dissociação doutrinária da Reforma.

Na França, principalmente, a incerteza era completa devido ao Rei de França, Francisco I, que permanecia num eterno jôgo de balança, sem que saibamos ainda se é possível atribuir essas perpétuas mudanças a uma política que pretendia ser muito hábil borboleteando entre os partidos, ou simplesmente a uma espécie de inconstância fundamental de espírito. Um dia Berquin, chefe da Reforma francesa, um nobre do Norte, de espírito valoroso, era atirado à prisão e o rei o livrava dela. Alguns meses depois Berquin era reconduzido à prisão e o mesmo rei Francisco I deixava-o subir à fogueira.

Um dia via-se o Rei, com um grande círio nas mãos e os pés descalços acompanhar durante tôda sua duração uma procissão expiatória, porque uma estátua da Virgem havia sido mutilada em uma das ruas de Paris. Passadas algumas semanas, o mesmo rei fundava, instituía os Leitores Reais, isto é, o embrião do Colégio de França, que êle erigia como fortaleza do espírito independente em face da velha Sorbonne.

Em 1553, Francisco I encontra-se com o Papa Clemente VII para tratar do casamento de seu filho Henrique II com Catarina de Médicis, sobrinha do Papa, mas, ao mesmo tempo, negocia com um príncipe protestante da Alemanha, o tratado de Bar-le-duc, em que parece aproximar-se dos Reformados.

Tudo isso lançava os espíritos, na França, em enorme confusão: seria êsse o fim da Reforma? Ir-se-ia ver êsse magnífico movimento originado da prédica ardente do jovem Lutero, seguido em tôda parte por tantos outros, ir-se-ia ver êsse grande movimento enfraquecer-se e extinguir-se bruscamente? Perguntava-se o que seria do amanhã, estendia-se por tôda parte uma inquietação devida, sobretudo, ao fato de que Calvino iria denunciar, difamar, chamando-os "Os intermediários" — diríamos hoje oportunistas — aquêles indecisos, homens que desejavam a Reforma, simpatizavam com os Reformadores mas de longe, sem quererem comprometer-se, dizendo: "Apesar de tudo no fim dêsse caminho há a fogueira... A morte horrível pelo fogo e os suplícios..."

Era necessário um golpe direto, rápido, um homem que viesse e tomasse nas mãos a direção da Reforma, ou tudo estaria perdido. Êsse homem apareceu: seu nome era Calvino.

Calvino êle próprio? Não. Calvino apenas, por uma espécie de decisão de sua vontade? Não. Êsse Calvino nós o fabricamos, graças a essa necessidade de simplificação, essa eterna necessidade de simplificar que levamos a tôdas as coisas. Fabricamos um Calvino como uma só peça, vêmo-lo sempre tal como o mostram os

retratos que dêle possuímos, no fim de sua vida, sob os traços de um velho, de aspecto macilento, magro, triste, antipático se quereis, com seu gorro e sua barba estreita e longa aparada em ponta de lança.

Dizemos: Calvino, vontade inflexível, o homem que apareceu exclamando: "Hei de impor minha vontade, formular a minha doutrina, fundar minha igreja e depois veremos"... Calvino, vontade dominadora, vontade inflexível? Não. Rejeitemos estas simplificações, estas espécies de iluminuras grosseiras de uma história desatenta às *nuances* psicológicas.

Calvino não foi Calvino porque quis ser Calvino. Era um homem que fôra jovem, que fôra um jovem picardo, jovem estudante inteligente e vivo, que possuía amigos na Universidade com quem mantinha excelentes, cordiais, confiantes relações de camarada a camarada. Tornou-se Calvino por uma prodigiosa série de encontros com o destino, e porque foi obrigado e aceitou ser Calvino.

Foi lentamente que Calvino atingiu a Reforma. Não foi desses homens, tão numerosos no século XVI, que entraram para as igrejas possuindo, no fundo do coração, um sentimento que os atraía em direção aos Altares. Não era "clérigo" no sentido estrito da palavra e muito menos teólogo de formação. Queria ser jurista, exatamente como sonhara seu pai, o que teria significado um degrau a mais na ascensão social da família.

Fêz estudos de direito que não o interessaram. Em Bourges, sob a influência de Wolmar, começou a estudar humanidades, não pensando, absolutamente, em ser teólogo, e muito menos fundador de uma Igreja. Seu sonho era ser apenas um humanista, e o primeiro livro que publicou foi uma edição dos comentários do texto latino, bem conhecido, de Sêneca, o *De Clementia*.

Em Paris, entretanto, êsse jovem picardo começou a viver entre companheiros, companheiros sérios, bem entendido, entre os quais encontrou outros picardos como êle, formando um pequeno círculo onde se discutia intensamente sôbre tudo que se passava, em geral, e sôbre problemas religiosos, em particular.

Foi assim que entrou em relações, fato muito importante e característico, com um grande comerciante — e é necessário notar que, nessa época, muitos grandes e ricos comerciantes interessaram-se vivamente pela Reforma, pelo fato de estarem à procura de uma religião melhor adaptada às suas necessidades, que o velho catolicismo.

Êsse comerciante tornou-se cada vez mais adepto da Reforma, pagando as convicções de sua vida com a morte na fogueira, em 1535.

Perto dêle, na rua Saint-Martin, em Paris, Calvino encontrava universitários, e foi assim que o Reitor da Universidade de Paris, médico de origem suíça, tendo sido obrigado a pronunciar um discurso por ocasião da abertura solene da Faculdade, a aula inau-

gural, dirigiu-se a Calvino, a quem conhecia como bom latinista, para que o ajudasse a prepará-lo.

Ora, êsse discurso, que não era revolucionário, revestia-se, entretanto, na opinião do reitor da Universidade de Paris, de grande importância, porque assinalava um movimento sensível no sentido das idéias reformadas. Houve um escândalo e procurou-se entre aquêles que cercavam o reitor os homens que poderiam tê-lo inspirado: encontrou-se Calvino que teve apenas o tempo de desaparecer, subtraindo-se durante algum tempo à atenção pública.

Que fez então? Propaganda? Absolutamente. Trabalhou, voltou aos seus caros estudos de humanista, pensando, entretanto, em uma grande obra que começava a idealizar e que deveria, durante tôda sua vida, retomar sem cessar, em forma latina e francesa: a *Instituição Cristã*, a sua grande obra.

Tendo sido obrigado a fugir, começou a pensar na *Instituição Cristã*. Viajou pela França, Renânia, visitou a Itália, e no fim de 1536 quis instalar-se em Basiléia. Basiléia era uma espécie de Cidade Santa dos Humanistas, desde que protegera Erasmo que, aliás, ali deveria morrer e ser sepultado.

Havia dois caminhos para ir a Basiléia; o mais direto, e que Calvino queria seguir, era o que passava por Estrasburgo, e êle se preparava para essa viagem quando soube que os caminhos, por êsse lado, não eram seguros, que grupos de cavaleiros armados poderiam atacá-lo e que, portanto, seria melhor evitar passar por ali.

Decidiu, então, passar por Genebra. O que se passava em Genebra por essa época? Sob a ação de um homem admirável, Guilherme Farel, de quem falarei logo mais, e que, entre outras coisas, acabou sua vida como reformador da pequena cidade suíça de Neuchâtel, os genebrinos, em 1536, haviam jurado adesão e fidelidade à nova religião, o que constituía um grande sucesso. Farel queria, entretanto, organizar o movimento, e isso era difícil. Conhecia perfeitamente suas limitações sabendo que não era um grande teólogo e que, apesar de possuir outras qualidades, a de humanista e organizador não eram seu forte, o que o levava a procurar um homem, um segundo que pudesse auxiliá-lo.

Eis que lhe dizem haver um francês como êle, chamado Calvino, que acabava de chegar à estalagem mas que revelava intenção de continuar o caminho para Basiléia. De um salto êle se atira sobre a estalagem e sobre Calvino dizendo-lhe: "Não irás mais longe, não te deixarei. Ordeno-te que me acompanhes: temos um grande trabalho a realizar aqui, temos que organizar uma igreja moderna de um tipo novo..."

Conhecemos, podemos ver bem a cena: Calvino reage, dizendo: "Não, essa não é a minha vocação, não fui feito para isso, sou um homem de estudos, não tenho as qualidades necessárias a um manejador, um condutor de homens... Servirei a essa boa causa escrevendo."

Farel, entretanto, deve ter respondido: "Não, tu a servirás trabalhando comigo, eu te ordeno e Deus assim o quer..." Calvino, pois, aceita, obedece. O destino, pela primeira vez, surgira sob a forma dêsse homem admirável. Não resisto ao desêjo de descrevê-lo em duas palavras.

Esse extraordinário Guilherme Farel era um montanhês dos Alpes franceses, homem pequeno e robusto, dono de um físico que ainda hoje possuem os caçadores alpinos dessa região, cabelos vermelhos, uma pequena barba de duas pontas, olhos pequenos, arredondados e penetrantes, grande nariz ponteagudo, bôca enorme que quase alcançava as orelhas. Dentro dêsse pequeno homem ruivo, uma energia diabólica que jamais capitulava.

Em 1536 havia já anos que, em qualquer lugar onde houvesse algo a fazer quer fôssem tumultos, quer — e sobretudo — fôssem intrigas em favor da Reforma, encontrava-se Guilherme Farel, geralmente cercado de peripécias extraordinárias. Eu vos contarei apenas duas das numerosas aventuras que lhe sucederam.

Um dia, em Metz, êle se achava cercado de perto pela policia, e procurava fugir, mas as portas da cidade estavam tôdas fechadas. Eis que passa uma carreta cheia de leprosos. Farel não hesita: sobe à carreta, esconde-se entre os leprosos e sai da cidade.

Outra de suas aventuras vos mostrará o que era a vida dêsses primeiros reformadores, dêsses primeiros propagandistas da Reforma. Nas cercanias de Neuchâtel, precisamente nesse belo vale que se abre sôbre o lago do mesmo nome, vale que é um tapete de verdura — mas não nessa época, estamos em fevereiro, e havia lá uma camada de neve de dois metros de espessura, como sempre acontece no inverno, nesse país — em uma das aldeias o cura Guillaume Galland: conhecem-se todos os pormenores da história, mesmo os mais inúteis como o nome dêsse cura de aldeia — preparava-se para dizer sua missa, e os paroquianos, muito agasalhados, porque fazia frio, muito frio na igreja, e êles em lugar de se descobrirem cobriam-se ainda mais com algumas vestimentas suplementares para resistir; os paroquianos seguiam a missa quando repentinamente a porta se abre, um homem entra suavemente pela igreja, depois um segundo, um terceiro, e nove ou dez homens entram assim. À sua frente um extraordinário homem pequeno e ruivo, com uma barba característica, que escuta por um momento a missa e em seguida atira-se sôbre o cura arrancando-lhe o livro de missa, o evangelho que o cura possuia, interpellando-o violentamente diante dos paroquianos — "Pobre homem, quando deixarás de blasfemar em nome de Jesús Cristo?".

O cura, desvairado, responde: "Mas, blasfemar eu em nome de Jesús Cristo? Como?".

E Guilherme Farel, pois era êle, lhe diz: "Dâ-me teu livro e eu te mostrarei como tu blasfemas em nome de Jesús Cristo, como,



já que uma primeira vez Jesús Cristo ofereceu-se em sacrificio por todos os homens, é inútil que venhas hoje, tu e teus companheiros, é inútil que venhais refazer êsse sacrificio que já foi feito uma vez por tôdas, e é o bastante". Argumenta, pronunciando então o belo discurso, publicado pelo arquivista de Neuchâtel.

Depois disso Guillaume Galland se vai, despojando-se de seus hábitos sacerdotais, e dizendo que finalmente a luz lhe havia aparecido. Realmente, êle deveria, depois de algumas peripécias, acabar por se tornar adjunto de um pastor da nova religião na região de Neuchâtel.

Êste homem, que não era um grande pensador — Farel — e — tanto quanto o modesto leigo que sou, possa julgar — não era também um grande teólogo, que conhecia suas limitações, mas que era um extraordinário animador, eis o homem que o destino pôs diante de Calvino prendendo-o a funções que lhe causavam aversão e que êle não queria assumir.

Seguiram-se dois anos de luta em Genebra contra seus habitantes, ricos comerciantes, que lastimavam sempre, de pais a filhos, o saudoso tempo das belas feiras que se realizavam em Genebra no século XV, onde se podia ganhar muito dinheiro, todo o dinheiro que se quisesse, e quando, depois de ganho, era possível distrair-se um pouco, beber bem, comer bem, divertirem-se juntos. No fim de muito pouco tempo a ação intolerante, violenta, brusca, de um Farel ignorante dêsse meio e que trazia sempre Calvino atrás de si, pôs os genebrinos em tal estado de revolta e furor que êles expulsaram os dois protestantes, e vendo-os fora começaram a respirar um pouco mais livremente: pelo menos assim acreditavam.

Eis, pois, Calvino, restituído a seus caros estudos e dizendo a si mesmo: "Eis-me finalmente livre desta insuportável vida de condutor de homens, para a qual não fui feito. Nasci para escrever e vou trabalhar de acôrdo com minhas predileções e minhas possibilidades".

O destino, entretanto, mais uma vez se coloca à sua frente. Desta vez não se chama Guilherme Farel, mas Martin Buser, antigo dominicano que aceitou a Reforma, chefe da nova escola, da Igreja reformada de Estrasburgo.

Estrasburgo era, nessa época, a cidade poderosa, forte e rica das margens do Reno, a cidade cuja política interessava ao mundo dessa época e que possuía, aliás, à sua frente, homens políticos de envergadura que pesavam sôbre o tabuleiro europeu. Estrasburgo, cidade de tolerância e refúgio, cidade onde todos os homens perseguidos por seus credos encontravam asilo, e acolhida calorosa por parte dos teólogos e de um grupo de mulheres admiráveis, que os acolhiam e amparavam moralmente, defendendo-os e protestando contra certas violências e anátemas do próprio Lutero, em nome dos direitos da consciência humana.

Não há homem infeliz em sua religião que não tenha experimentado, nessa época, a acolhida de Estrasburgo, até Miguel Servet que aí viveu durante algum tempo. Houve alguém que não se enganou quanto ao papel que essa grande cidade desempenhou na história da Reforma francesa: foi Florimond de Raemond, um dos inimigos mais encarniçados da Reforma, que começara por ser um reformado — mas são geralmente os homens que traem sua primeira causa os que se tornam, muitas vezes, os mais duros contra ela.

Ele nos explica, na Introdução de um livro extremamente curioso, que Estrasburgo foi o arsenal de onde saíram tôdas as armas contra a Igreja e, finalmente, a Reforma.

Havia, pois, em Estrasburgo, inúmeros refugiados, principalmente franceses que se sentiam um pouco isolados por não compreenderem a linguagem, o dialeto que se falava nessa cidade. Havia um trabalho a realizar, o de organizá-los, e Bucer, sabendo que Calvino não se encontrava mais em Genebra e estava livre, vai procurá-lo e lhe diz: "Vem, há uma tarefa a realizar, é necessário que tu organizes êsses homens". Calvino novamente responde: "Não, eu não fui feito para isso, sou um homem de estudos, deixa-me voltar a êles e servirei melhor com a pena. Vês que não fui bem sucedido em Genebra..."

Bucer insiste, diz-lhe que o seu dever é aquêle... e finalmente Calvino aceita. Em uma noite de outono, no começo de setembro de 1538, um desses grandes barcos improvisados, que desciam com excessiva velocidade o curso de Reno, parou no cais de Estrasburgo e dêle desceu um homem indeciso — Calvino — que imediatamente se vê entre uma pequena comunidade de franceses. Instala-se na paróquia de Saint-Nicolas e aí começa a organização da Reforma Calvinista, pois foi realmente em Estrasburgo, de setembro de 1538 a 1541 que foi fundado o Calvinismo, e com tal sucesso que, em 1544, quando os fiéis de Tournai quiseram organizar uma igreja reformada, "construir uma igreja", como se dizia na época, dirigiram-se não a Genebra mas à Igreja francesa de Estrasburgo.

Em 1546, os fiéis de Meaux, cidade célebre na história da Reforma Francesa, desejam também construir uma igreja, e é à Igreja francesa de Estrasburgo que êles se dirigem.

E em 1557, quando Calvino já havia, desde há muito, regressado a Genebra, quando também os fiéis de Paris desejaram construir uma igreja, foi ainda à Igreja francesa de Estrasburgo que se dirigiram para obter um pastor e seus estatutos.

Sem ser necessário exagerar, há certamente verdade na tese outrora defendida pelo pastor Pannier ao afirmar que foi em Estrasburgo que nasceu o Calvinismo, nessa cidade liberal, aberta a tantas influências, onde o Calvinismo se afirmou pela primeira vez como convicção organizada e de futuro, e que, talvez, em Stras-

burgo é que se deveria procurar o verdadeiro calvinismo com tudo que o caracteriza e, principalmente, se não quisermos lembrar mais nada, com seus cânticos...

Em Estrasburgo cantava-se desde o início da Reforma, cantava-se na grande, na magnífica igreja de Estrasburgo, sua famosa catedral, onde se instalaram os reformados. Os que aí cantavam, entretanto, faziam-no em alemão.

Calvino, à frente de sua pequena comunidade de franceses, deseja que se cante, e faz um esforço imenso para traduzir os salmos para o francês, com o auxílio da tradução do poeta francês Jean Marot que êle havia encontrado na Itália, organizando assim uma pequena coleção de salmos.

Dela, infelizmente, resta apenas um exemplar, que se acha na biblioteca de Munique e que constitui uma das mais comoventes reliquias desse tempo. Calvino adapta a seus salmos a música de um alemão, capelão de Estrasburgo, que as havia composto para os salmos que cantavam na igreja os fiéis agrupados ao redor de Martin Bucer.

Refazendo essas melodias, adaptando-as para que se harmonizassem completamente com o texto francês, Calvino dotava a Reforma de sua alma heróica, administrava o viático aos mártires que, em grande número, iriam subir à fogueira e enfrentar os tormentos, as torturas da morte pelo fogo, por pior que ela fôsse.

Não seguiremos Calvino em Genebra porque êste último episódio de sua vida é por demais conhecido, ou ainda porque seria necessário que eu fôsse a tal ponto sumário e rápido, que aquilo que fôsse dito perderia tôda espécie de interêsse.

Que seja o bastante haver insistido sôbre alguns pontos talvez pouco conhecidos. Não vos falarei, também, exaustivamente sôbre a obra de Calvino, que é um oceano, mas gostaria de, em apenas algumas palavras, dizer-vos o que, a meus olhos, parece essencial.

Dizia-vos, há pouco, que quando Calvino apareceu, a época era de inquietação, os homens hesitavam, indecisos: muitos, dentre êles, sentiam-se felizes no íntimo por não serem obrigados a tomar partido; outros refletiam sôbre as possíveis conseqüências de uma adesão aberta à Reforma. Além disso, dizia-vos também, surgia-lhes a questão; no final das contas a Reforma valeria, nesse momento, êsse sacrificio total? Viam-na hesitante, mal definida, irresoluta, enquanto todos os católicos, como vos dizia, escarneciam dizendo: "Para que a Reforma? Para que serve ela? Para discussões em praça pública! Que nos trás de definitivo? Nada..."

Hesitava-se então, perturbavam-se os espíritos, e pouco a pouco a Reforma ia ao encontro de sua ruína. Para salvar êsse movimento que estava em vias de se perder era necessário falar claramente, colocar os fiéis em face de um dever real, apelar para um desses sentimentos tão claros, tão fortes e categóricos que tornam

impossível qualquer hesitação, que produzem um reflexo imediato no homem e o incitam, forçam, obrigam-no a seguir a Reforma.

Era necessário encontrar um sentimento tão forte e decisivo que o homem, interpelado, o preferisse à hesitação, à retirada.

A época, essa época do século XVI foi a da realeza. Foi o período cavaleiresco, o período guerreiro.

Período guerreiro, e não há necessidade de mais explicações. Havia guerras em todos os lugares. Direi uma palavra apenas, que bastará: foi o tempo das guerras na Itália.

A época era também cavaleiresca e pode ser resumida em um nome apenas, o de Bayard, "le chevalier sans Peur e sans Reproche".

Era real porque, acima de tudo, apareciam em todo país as grandes figuras reais: Francisco I prestigiado e simpatizado entre os homens pela imponência de seu porte e suas qualidades de cavaleiro; Carlos V, o grande, triste, alto e poderoso Carlos V; o corpulento Henrique VIII, rei da Inglaterra, e, por toda parte príncipes, reis, que de tal modo impunham suas qualidades reais às populações, que a literatura francesa, à sua imagem, possuía como tema principal de suas obras figuras reais. Pensai em Rabelais, pensai nesses reis protagonistas de sua obra, grandes reis gigantes, os Gargantua, os Pantagruel.

Época real, guerreira e cavaleiresca: mobilizar todas essas figuras a serviço de uma causa, a da Reforma, foi principalmente, do ponto de vista do historiador, o sentido da Reforma de Calvino: o cristão possui seu Rei, o Rei dos Reis, que é Deus. O cristão é soldado dêsse Rei, com todos os deveres de um soldado para com seu chefe e, antes de mais nada, a fidelidade até à morte. O cavaleiro está ligado a seu Rei por um sentimento forte, que corresponde precisamente àquê de que eu vos falava há pouco, às exigências que formulei — o sentimento de honra, e ligado duplamente, porque êle luta pela honra de seu rei e porque empenha sua própria honra nessa luta em favor de seu Rei.

Eis, a meu ver, unicamente do ponto de vista do historiador, — falo como historiador e não como teólogo, bem entendido — eis a origem da grandeza da vitória suprema de Calvino. Dir-me-eis, certamente, que para Lutero também Deus é rei? Sim, mas aqui, como sempre, há também as pequenas diferenças. O Deus de Lutero é um Deus ciumento, que toma o cristão que se entrega, arrasta-o, separa-o do mundo, para lhe revelar as doçuras inefáveis da paz, da contemplação, da adoração. Poderíamos dizer que, para Lutero, a fórmula é *Credo, ergo sum* — Creio, portanto existo.

Para Calvino, ao contrário, poderíamos propor outra fórmula: *Ago, ergo credo* — ajo, portanto creio, na qual a ênfase é dada principalmente à ação: Deus é o chefe, o fiel um soldado.

O calvinismo é fundamentalmente uma doutrina de ação: fazer o que Deus quer. Calvino sabe o que significa esta fórmula pois foi, toda sua vida, um soldado obediente e empenhou toda sua honra em ser um grande soldado de Deus. Manteve-se em Genebra, apesar da sua vontade, tanto quanto foi necessário, através de todas as dificuldades e obstáculos que surgiram à sua frente, para salvaguardar a honra de Deus, e vêdes a espécie de transformação psicológica que aí se opera sob os cuidados de Calvino.

Não se trata mais de mera escolha intelectual entre doutrinas, a velha ou a nova igreja, a velha ou a nova teologia, qual a melhor, qual a mais fundamentada. Qual dessas teologias melhor convém ao homem?

Não, essa não é a questão. Não se trata de colocar diante do fiel uma espécie de balança, que pese as doutrinas com suas qualidades e defeitos. A questão é de um compromisso de honra, uma mobilização total do soldado de Deus cioso, antes de tudo, de sua honra. Calcular? Não. Discutir consigo mesmo? Não.

A honra, justamente, é um sentimento que não admite reflexões. Quando lesada, o homem reage imediatamente, por um reflexo incondicional, brutal, imediato. Estamos em uma época em que, pela primeira vez, os traidores são apontados, ainda que sejam personagens importantes como o Condestável de Bourbon ou possam invocar, como justificativa de sua conduta, uma velha tradição feudal.

Não nos esqueçamos de que estamos em uma época na qual os fiéis, os leais são exaltados, época que glorifica o pobre, o bom, o simples, o cavaleiro Bayard.

Nas próprias palavras de Calvino — não pretendo derramar sobre vossas cabeças uma onda de citações calvinistas, mas escolhi uma apenas, talvez a mais característica de suas palavras tão significativas:

“Deus coloca em nossos corpos os braços de Seu Filho, não devemos deshonrá-los”.

Vós me direis: é uma fórmula um pouco complicada, talvez, para homens simples, êsse apêlo à noção de braços, apêlo que pode ser dirigido a nobres, que possuem seus braços. Mas, e o comum do povo? Eu vos responderia: em Meaux, antes de sofrer todos os suplicios e finalmente a morte, enquanto era marcado com o sinal infamante por um ferro em braza sobre o ombro nú o pobre cardador de lã Jacques Leclerc, prêso por suas opiniões religiosas, sua mãe, uma pobre mulher, velha trabalhadora, velha mulher do povo de Meaux, que assistia ao suplicio de seu filho, trazida à força para assistir a êsse suplicio, gritava ao ver queimarem a carne de seu filho: “Viva Deus e suas insígnias...”.

Suas insígnias... era exatamente a marca aplicada sobre o ombro de seu filho. Vêde como à metáfora militar e nobiliárquica

de Calvino corresponde a expressão trágica e comovente da mãe-desse pobre homem de Meaux: "Viva Deus e suas insígnias...".

Essas insígnias, êsses braços eis o que, ao simples fiel, conferem uma espécie de primazia, eis o que, do fiel calvinista — que mantém sua fidelidade até o fim, que significa a fogueira, muitas vêzes — fazem um nobre, o cavaleiro de Cristo, uma espécie de gentilhomem, que traz dentro de si uma alma de cavaleiro, que não trai e é fiel até à morte. Não é inútil dizer isto porque creio verdadeiramente que uma das características do calvinismo é essa espécie de autonomia, de sentimento de honra e fidelidade levados ao extremo, essa espécie de nobreza, no sentido exato da palavra. A meu ver, a mim que falo como historiador, a grande obra de Calvino, sua grande originalidade foi o escrúpulo, comum a tantos homens intelectuais e sentimentais, de cometer uma covardia.

Ele transplantou um problema de idéias e sentimento para o plano da honra e, ao sair de uma pregação de Calvino ouvia-se no fundo do coração, por medíocre que fôsse êle, a voz secreta de que fala Stendhal algumas vêzes, essa voz secreta que tantos homens de minha geração ouviram no seu íntimo ao enfrentar o perigo durante uma batalha, quando era necessário partir, avançar, e quando avançar significava nove entre dez vêzes a morte — essa voz secreta que diz: "Serás tu um covarde?" e que obriga o homem a marchar até o fim sem hesitar.

Êsse sentimento claro, nítido, que elimina tôdas as discussões, as pequenas controvérsias, tôdas as crises de consciência, que define uma linha reta, em linguagem humana, não faz parte do espírito de um Lutero. É do espírito de Calvino, e os povos que o ouviram foram aquêles para quem os problemas de honra foram sempre postos em primeira plana na consciência; são os franceses, os suiços romanos, os homens dos Países-Baixos que depois de terem ouvido Lutero — lembrai-vos das grandes tragédias de Antuérpia — preferiram Calvino. Foram os escoceses na esteira de Knox e, através de uma série de intermediários, os americanos do norte, na medida em que lhes foi possível beber da fonte calvinista.

Será por acaso que todos êsses homens se encontram sempre, nos momentos decisivos da história da humanidade, quando se hesita, quando há perturbação, encontram-se espontaneamente diante desse sentimento fundamental de honra?

Vós me direis: entretanto êsse sentimento nos leva à morte... Sim, é realmente uma atitude de mártir a daquele que não é covarde, que marcha para o fogo e sabe disso. É necessário ainda que, para essa marcha, o homem possua o coração livre, alegre, sem angústia, que nada o perturbe, que êle não prossiga hesitante dizendo: "Para onde vou? Há tanto pecado em minha vida, qual a sorte que me espera quando eu a deixar?"

“Vai — diz Calvino — não te inquietes. Tua salvação não é feita por ti, mas por Deus que a opera em ti através de sua graça”.

Resumo assim — e tenho o direito de fazê-lo porque sou historiador e não teólogo — essa doutrina da Predestinação, em nome da qual tanta tolice foi dita, porque, depois que Calvino formulou essa doutrina singularmente audaciosa — encarada do ponto de vista humano — essa doutrina de rara e profunda psicologia, pessoas muito astuciosas, ou que pelo menos acreditavam sê-lo, não cessavam de exclamar: “Que estranha idéia. Dotado dessa doutrina da predestinação é impossível que o homem não se sinta desolado, não se desespere, não abandone tôda iniciativa...”

Não sei se isso é possível ou não, mas sei que isso aconteceu e Calvino representou para o homem essa angústia mortal que atormenta ao escrupuloso. Calvino representou para o homem essa angústia mortal que foi a túnica de Nesso de Lutero até encontrar, finalmente, a liberação para si e para os outros, angústia que Calvino dissipava com uma palavra: “Inquietas-te? Por que? Estás nas mãos de Deus, tu nada podes, não mudarás teu destino após a morte. Só Deus pode fazê-lo. Faze o que deves”.

Eis aqui a grandeza de Calvino, do ponto de vista da história: teve êle essa sorte admirável, tão rara na história dos homens, dos grandes homens: criou, idealizou um tipo de homem, um novo tipo humano, e soube construir por um golpe de seu talento, o tipo viril, ativo, militante do calvinismo. E por isso sua reforma difere profundamente do velho catolicismo, e difere profundamente de outros tipos de Reforma, particularmente do tipo luterano.

Construiu êsse homem, êsse calvinista, com um sentido profundo do trabalho, do trabalho social, um sentido da democracia e da conduta democrática e, sobretudo, um sentido persistente da honra na lealdade.

Eis o que justifica, uma vez mais, o admirável conceito de Michelet sôbre o século XVI: O século XVI é um herói, um herói coletivo, mas aquêles que bravamente morreram no século XVI sem medo, sem perturbação, para afirmar sua fé, para não serem covardes no sentido calvinista, êsses, se foram heróis, foram-no acessoriamente. Não foi essa idéia — o heroísmo — que os fez subir à fogueira como êles souberam subir. O verdadeiro sentido dêsse sacrificio vamos buscá-lo em Crespin, em seu livro que analisou, de modo comovente, todo o grande exército dêsses mártires anônimos.

Êles foram, porque assim o desejaram, e na medida em que desejaram, os mártires da Fé moderna...

*LUCIEN FEBVRE*

Professor do “Collège de France”.  
Membro do Instituto